COMO COMBATER O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NO LIVRO DIDÁTICO

Francisca Bruna de Oliveira Peixoto
Graduanda do Curso de Letras - Habilitação em Língua Espanhola da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista PIBID.

Francisca Mariana Neta
Graduanda do Curso de Letras - Habilitação em Língua Espanhola da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista PIBID.

RESUMO: Atualmente presenciamos uma época em que os livros didáticos estão, ao menos, tentando configurar uma nova realidade no ensino da Língua Portuguesa, na busca em construir uma política linguística, que combata ao preconceito linguístico. Diante dessa realidade, esse trabalho surge da preocupação em averiguar a existência da variação linguística nos livros didáticos adotados pelo PNLD. Nosso *corpus* de estudo é constituído pelo livro didático do ensino médio, da Língua Portuguesa "Português: contexto, interlocução e sentido" das autoras Abaurre, Abaurre e Pontara (2010). Para a confecção deste trabalho nos embasamos teoricamente em Alkimin (2001), Bagno (2007), Mussalim & Bentes (2001), entre outros. De acordo com os resultados obtidos com as análises, pudemos concluir que o livro didático analisado, realiza um trabalho excelente no ensino de Língua Portuguesa, uma vez que apresenta um estudo eficaz a respeito das variações linguísticas, além de desenvolver uma temática no combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: Variação linguística, livro didático, ensino.

1 Considerações Iniciais

Esse artigo possui por função averiguar a existência da variação linguística no livro didático da Língua Portuguesa. Pretendemos analisar como o livro didático trabalha com a variação linguística, se este trabalho é realizado da maneira adequada, e se o mesmo combate o preconceito linguístico. Atentando para a importância que a realização deste tem na formação dos alunos.

Esse artigo possui como *corpus* de estudo o livro Língua Portuguesa "Português: contexto, interlocução e sentido" das autoras Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara (2010).

Fundamentamo-nos em pressupostos teóricos da Sociolinguística, entre eles, Capistrano (2007), Scarpa (2001), Stampa (2009). Observando o nosso *corpus* pudemos observar que o livro didático realiza um excelente trabalho com relação à variação

linguística, uma vez que apresenta seus conceitos de maneira muito efetiva, contribuindo assim, para uma ótima formação dos seus alunos. A realização deste trabalho foi feita em quatro momentos. No primeiro momento fizemos a leitura da base teórica da disciplina de sociolinguística. Logo em seguida no segundo momento, fizemos discussões sobre variação linguística, e a sua importância de ser abordada e trabalhada nos livros didáticos. Assim, no terceiro momento fomos a Escola Estadual Profª Maria Edilma de Freitas, onde elegemos trabalhar com livro do PNLD, adotado no atual triênio, de Língua Portuguesa "Português: contexto, interlocução e sentido" das autoras Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara. E por último fizemos as análises do livro acima citado, onde de fato podemos perceber que o mesmo trabalha a variação linguística.

A seguir, apresentaremos nosso referencial teórico, em que daremos ênfase aos estudos dos teóricos acima citados, que direcionaram seus estudos sobre a variação linguística. Logo depois, apresentaremos a análise do nosso *corpus* de estudo, em seguida, apresentaremos nossas considerações finais, onde retomaremos os resultados obtidos com a análise e sua importância para enriquecer e aprofundar nossos estudos a respeito da variação linguística. Por último apresentaremos nossas referências bibliográficas que deram subsídios à escrita deste trabalho.

2 Aporte Teórico

2.1 Breve percurso histórico: origem da Sociolinguística, seu objeto de estudo e seus pressupostos teóricos

Linguagem e sociedade estão interligadas entre si de maneira inquestionável, dessa forma, então porque se fala em Sociolinguística, uma ramificação da linguística que estuda essa ligação?

Ao longo da história, a sociedade estabeleceu diferentes teorias para o fenômeno linguístico, e assim, pode-se estudá-lo e analisá-lo de acordo com a base teórica que prevalecia em determinada época. Veremos a seguir, de acordo com Alkmim (2001), os principais investigadores da área da linguística que colaboraram com suas pesquisas na tentativa de descrever e analisar o fenômeno linguístico.

Schleicher foi o primeiro estudioso a associar o fenômeno linguístico a um fenômeno natural, associando-o a uma planta, que nasce, cresce e morre, (orientação

botânica). Podemos observar que nessa teoria não há nenhuma ligação entre língua e sociedade.

Após o fenômeno linguístico ser associado a uma planta por Schleicher, surge no século XX, uma teoria linguística de ordem estruturalista, liderada por Saussure, em seu Curso de Linguística Geral, no ano de 1916, onde é excluída qualquer possibilidade de natureza social no signo linguístico. Saussure faz oposição entre língua e fala, por sua vez, ele prioriza a língua, defende-a como um sistema de regras abstratas e de natureza homogênea. Até o momento, pode-se observar a ausência da relação entre língua e sociedade.

Em oposição à linguística estruturalista, no ano de 1929, Bakhtin defende a tese, de que, a língua não é de natureza homogênea, nem um ato monológico isolado, mas considera a linguagem como um processo constituído pela interação verbal, que se efetiva através das enunciações. A partir dessa teoria defendida por Bakhtin, a linguagem passa a ser relacionada com a sociedade, através do fenômeno da interação verbal.

E, por último, vale destacar a contribuição do teórico Benveniste que associa o fenômeno linguístico à construção do homem. Este por sua vez, estabelece uma relação com a natureza e com a sociedade utilizando o fenômeno linguístico. Assim, fica evidente que língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra, uma vez que a língua deve ser idealizada como um instrumento de comunicação comum a todos os membros de uma sociedade.

Após ser interpretada por diversos teóricos, conforme Alkmim (2001), a Sociolinguística uma área referente à linguística, fixa-se em 1964, em um congresso na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, organizado pelo estudioso William Bright, onde o termo sociolinguística foi utilizado pela primeira vez. Nasce, assim, a sociolinguística, marcada por uma origem interdisciplinar, e seu estabelecimento foi antecedido pela atuação de vários pesquisadores que buscavam associar a linguagem com aspectos de ordem social e cultural.

Após fixar-se, a Sociolinguística define seu objeto de estudo como sendo a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto, isto é, em situações reais de uso.

2.1.1 Variedade linguística: a heterogeneidade da língua

De acordo com Bagno (2007), a língua é um produto de natureza heterogênea e flexível, é um fenômeno construído e utilizado ao longo do tempo pela sociedade. Conforme a sociedade se transforma, a língua vai se modificando para se adequar à comunidade que a utiliza. Assim, nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea por natureza, existe uma relação entre língua e variedade.

Em nossa sociedade, convivemos cotidianamente com diversidades, assim como pessoas de diferentes idades, diferentes regiões, de diferentes costumes, de diferentes tradições, de diferentes classes sociais e diferentes etnias. Diante dessa diversidade, se torna impossível que todos esses sujeitos, diferentes, usuários ainda que sejam da mesma língua, utilizem-na da mesma forma. A esses distintos modos de empregar a língua dá-se o nome de variação linguística, e a mesma se constitui como um elemento que compõe a língua. Nessa perspectiva, podemos afirmar, conforme Camacho (2001, p. 55), que "a diversidade é uma propriedade funcional e inerente aos sistemas linguísticos e o papel da Sociolinguística é exatamente enfocá-la como objeto de estudo, em suas determinações linguísticas e não-linguísticas". Diante dessa afirmação, fica evidente que a variedade linguística não pode ser interpretada como um problema, pois o que ela é, na verdade, é a essência da língua, e, portanto, não há língua nem diversidades inferiores, todas são igualmente adequadas e legítimas, desde que cumpram com sua principal função que é exercer a comunicação entre seus usuários. Assim, é um erro postular que existe apenas uma variedade padrão para se utilizar, essa por sua vez não se efetiva como uma norma por excelência, e não deve ser posta como a língua "correta", a norma padrão deve ser vista como apenas mais uma variedade que compõe a língua.

A variação pode ser definida então como o processo pelo qual a língua é composta e se efetiva entre seus usuários de diferentes formas. O termo variável se refere, pois, a algum elemento e/ou regra da língua que pode se realizar de maneiras distintas. E cada uma dessas possibilidades recebe o nome de variante.

De acordo com Bagno (2007), a variação ocorre em diversos níveis da língua, destacam-se a variação diatópica e variação diastrática. A variação diatópica, que também pode ser chamada de variação regional, se refere aos modos de falar de usuários da língua de diferentes regiões, estados, zona rural e zona urbana, por exemplo, as palavras "macaxeira", "mandioca" e "aipim", significam um mesmo legume, mas sua

nomenclatura muda conforme as diferentes regiões em que o falante está presente e atua. Já a variação diastrática denomina os modos de falar de usuários da língua de diferentes classes sociais. Vale ressaltar, porém, que há muitos fatores que contribuem para a diversidade linguística, como a idade, o sexo, a profissão, a religião, entre outros.

2.1.2 A importância de trabalhar a variação linguística nos livros didáticos

Em nossa sociedade, é notório que diferenças geram preconceitos, e na língua, não é diferente. Perante uma imensidade de variedades que compõem a língua, se constitui o que é denominado pela Sociolinguística, de preconceito linguístico, que se fundamenta na ideia equivocada de que só existe uma língua correta e válida, a norma padrão, e que todas as outras formas de falar são um desvio da mesma, e por isso "errado" e "inaceitável". Esta ideia absurda, de que somente é válida a norma padrão, infelizmente foi e ainda hoje é convertida em uma prática da ação pedagógica, que por sua vez torna-se um ato de:

> [...] violência simbólica, pois decorre da imposição, por um poder arbitrário, de uma cultura arbitrariamente selecionada e que de forma alguma pode ser deduzida de princípios universais. Na realidade, essa seleção é arbitrária porque se baseia nas relações de força entre os grupos sociais. Bourdieu & Passeron (1975 *apud* CAMACHO, 2001, p.70)

Fica claro, portanto, que os educadores devem trabalhar as variedades existentes em uma língua, não somente a variedade imposta pela sociedade dominante, ou seja, a norma padrão. Impor aos alunos a aprendizagem de uma norma padrão descontextualizada da realidade dos mesmos, sem levar em consideração a própria variação existente na fala desse aluno, levando-o a entender que a maneira como ele fala é "errada" e que deve ser substituída por uma norma que não o representa é um ato discriminatório e preconceituoso.

A seguir, analisaremos o livro didático, e buscaremos descobrir se o mesmo aborda as variedades linguísticas, pois sabemos que nem todos os livros didáticos estão empenhados em discutir a variação linguística. E não somente isso, analisaremos se o mesmo trata a variedade linguística de maneira equivocada, como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas.

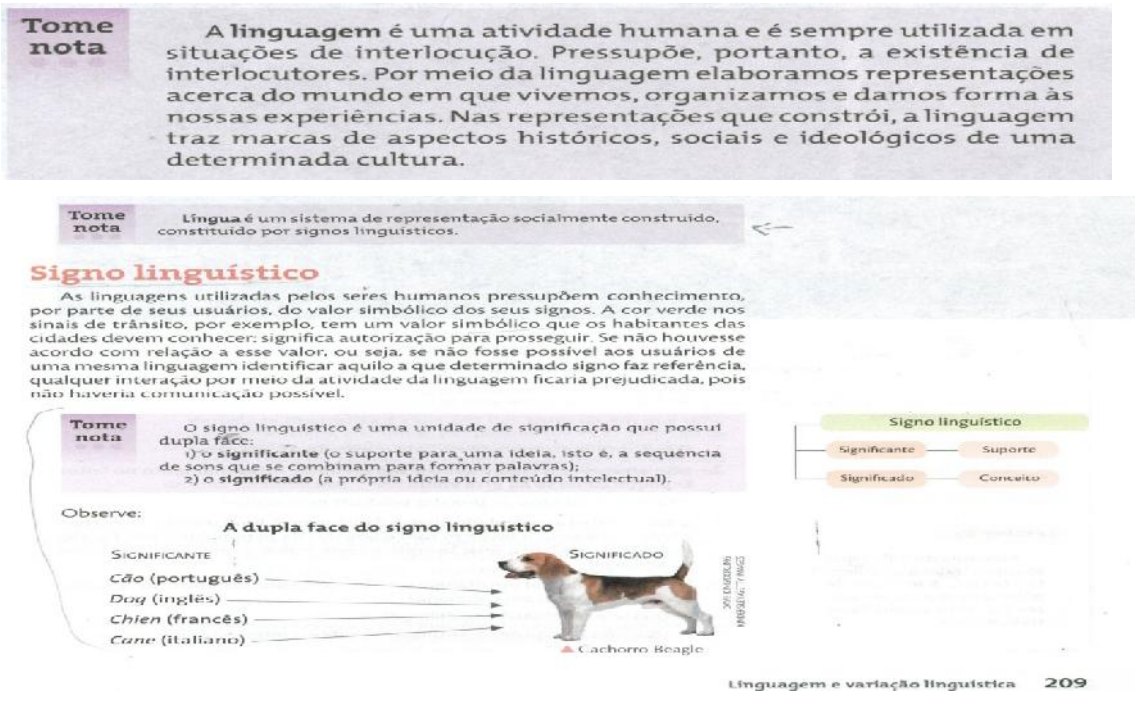
3 Análises

3.1 A variação no livro didático: uma prática eficaz no combate ao preconceito linguístico

Na Escola Estadual Profª Maria Edilma de Freitas, do município de Pau dos Ferros- RN, foi adotado, no atual triênio, através do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio, o livro de Língua Portuguesa “Português: contexto, interlocução e sentido”, das autoras Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara.

Na unidade 4 do referido livro, existe uma seção destinada ao ensino da gramática. Nesta seção, encontra-se o capítulo 12 que tem por título “Linguagem”, o mesmo aborda a linguagem e a variação linguística.

Num primeiro momento, o livro, através de uma ilustração, faz o aluno descobrir o papel do interlocutor na linguagem, logo depois explica o conceito de linguagem, língua e interessantemente, o livro inovando, traz o conceito do signo linguístico, e a sua dupla face: significado e significante. Nesse momento, percebe-se uma grande inovação no ensino de língua materna. Intencionalmente, ou não, a seção de gramática é aberta com um capítulo que fala da linguagem e suas variedades, assim, podemos perceber de antemão que o livro tem uma preocupação em quebrar o tabu da gramática tradicionalista, como se pode observar no trecho a seguir, retirado do livro.



Tome nota

A linguagem é uma atividade humana e é sempre utilizada em situações de interlocução. Pressupõe, portanto, a existência de interlocutores. Por meio da linguagem elaboramos representações acerca do mundo em que vivemos, organizamos e damos forma às nossas experiências. Nas representações que constrói, a linguagem traz marcas de aspectos históricos, sociais e ideológicos de uma determinada cultura.

Tome nota **Língua** é um sistema de representação socialmente construído, constituído por signos linguísticos.

Signo linguístico

As linguagens utilizadas pelos seres humanos pressupõem conhecimento, por parte de seus usuários, do valor simbólico dos seus signos. A cor verde nos sinais de trânsito, por exemplo, tem um valor simbólico que os habitantes das cidades devem conhecer: significa autorização para prosseguir. Se não houvesse acordo com relação a esse valor, ou seja, se não fosse possível aos usuários de uma mesma linguagem identificar aquilo a que determinado signo faz referência, qualquer interação por meio da atividade da linguagem ficaria prejudicada, pois não haveria comunicação possível.

Tome nota O signo linguístico é uma unidade de significação que possui dupla face:
1) o **significante** (o suporte para uma ideia, isto é, a sequência de sons que se combinam para formar palavras);
2) o **significado** (a própria ideia ou conteúdo intelectual).

Signo linguístico
Significante — Suporte
Significado — Conceito

Observe:

A dupla face do signo linguístico

SIGNIFICANTE
Cão (português)
Dog (inglês)
Chien (francês)
Cane (italiano)

SIGNIFICADO

Cachorro Beagle

Linguagem e variação linguística 209

Figura 01: “Livro Português: Contexto, interlocução e sentido. (2010)” Pag. 209

Após conceituar a linguagem e seus pressupostos, o livro didático utiliza uma tirinha que propõe ao aluno refletir sobre os diferentes modos de se falar, ou seja, a adequação do falante, de acordo com a situação e do ambiente em que ocorre a comunicação, assim o aluno toma conhecimento do que seja o preconceito linguístico, pois sabendo que não se deve desvalorizar nenhuma variedade padrão da língua, e que todas são de total importância. Utilizando o contexto presente na tirinha, ele apresenta o conceito de variedade linguística, e também enfatiza a norma culta e a padrão, como mais uma variedade da língua igualmente às demais, como por exemplo, as regionais, as sociais, entre outras, como se vê a seguir no trecho retirado do livro:

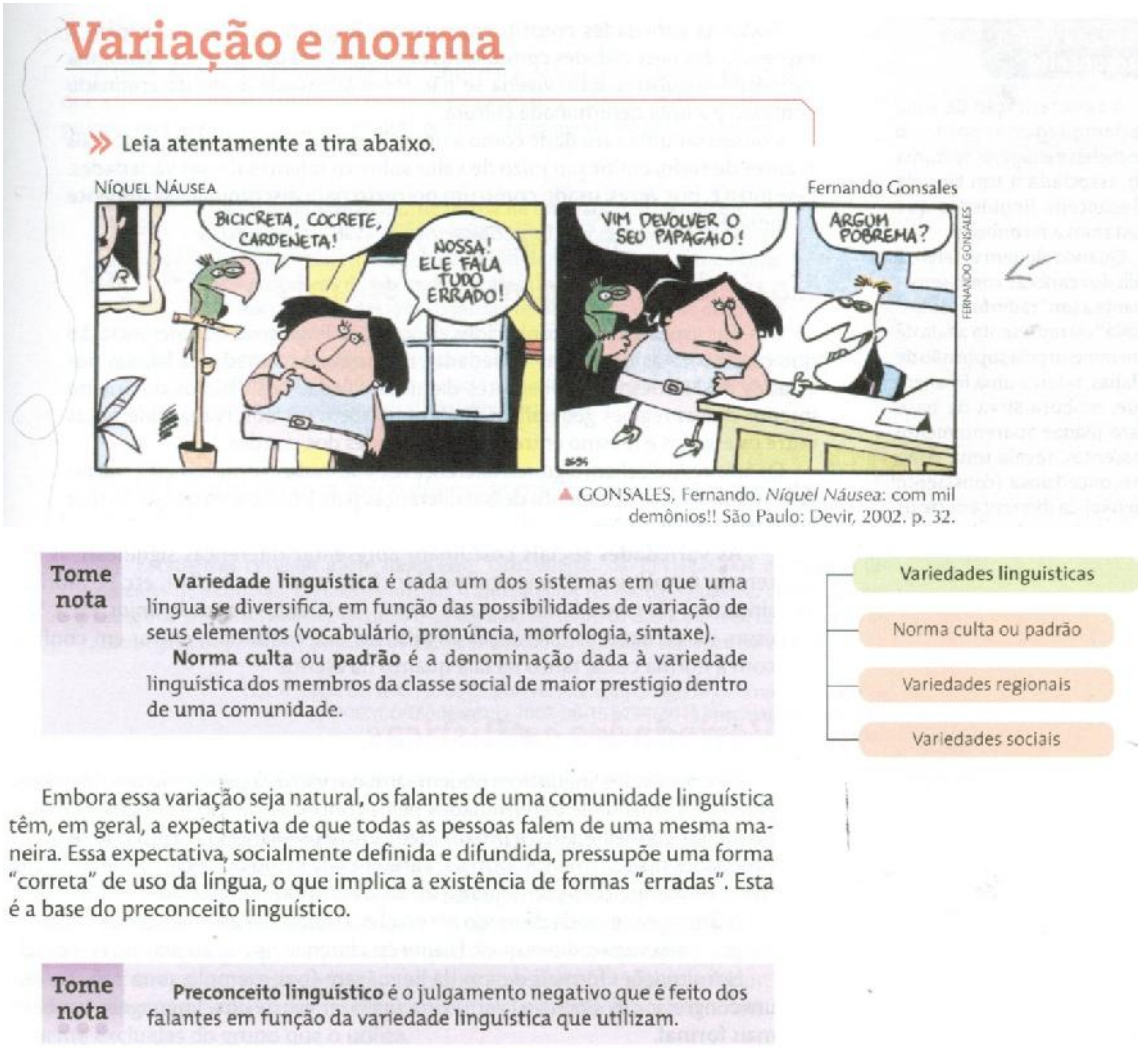


Figura 02: “Livro Português: Contexto, interlocução e sentido (2010).” Pag. 211

Dando continuidade ao uso da tirinha, aproveitando que ela da ênfase ao ato de falar das variedades linguísticas, e colocar todas em um só patamar, o livro fala do preconceito linguístico, uma vez que é perceptível a seguinte fala de um dos personagens da tirinha: “Nossa! Ele fala tudo errado!”. Neste ato de fala, se concretiza, de fato, uma marca do preconceito linguístico, uma vez que de acordo com Bagno (2007), não existem maneiras de falar “erradas”, todas são perfeitamente válidas desde que se efetive sua funcionalidade, ou seja, a comunicação entre os interlocutores. O livro diante dessa visão, alerta aos alunos para que sejam cuidadosos e não cometam o ato do preconceito linguístico. Vejamos o trecho:

Cuidado com o preconceito

A caracterização de uma variante regional por meio de clichês e exageros costuma vir associada a um tipo de preconceito linguístico que custamos a reconhecer.

Quando alguém se refere à fala dos cariocas como semelhante a um "rádio fora de sintonia" ou representa a fala de um mineiro pela supressão de sílabas, reforça uma imagem que, embora sirva de base para piadas aparentemente inocentes, revela uma visão preconceituosa (consciente ou não) da diferença entre as variedades regionais.

Todas as variedades constituem sistemas linguísticos adequados para a expressão das necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Nenhuma variedade linguística sobreviveria se não fosse adequada a um determinado contexto e a uma determinada cultura.

Considerar uma variedade como a única "correta" e estigmatizar as demais é, antes de tudo, emitir um juízo de valor sobre os falantes dessas variedades. Esse juízo é, por vezes, usado como um pretexto para discriminar socialmente os indivíduos.

Variedades regionais e sociais

Um dos aspectos mais conhecidos da variação linguística é a diferenciação que caracteriza as chamadas **variedades regionais**. As variedades faladas nos estados do Nordeste são diferentes daquelas faladas nos estados do Sul; no interior dessas regiões geográficas, podem também ser observadas diferenças entre os estados e mesmo entre regiões e cidades dos estados.

Os falantes percebem algumas diferenças de vocabulário e pronúncia e muitas vezes usam seu conhecimento dessas diferenças para produzir efeitos de humor em diferentes situações.

Observe a tira.

SÓ DANDO GIZADA — Djota

▲ DJOTA. Só dando gizada. *Correio Popular*. Campinas, 12 ago. 2003.

A tira pretende que o leitor reconheça, no último quadrinho, a fala de um mineiro. Evidentemente, como acontece com as piadas, a graça da tira deriva da visão estereotipada do mineiro como alguém que "come", com frequência, as sílabas finais de algumas palavras.

As **variedades sociais** costumam apresentar diferenças significativas em termos fonológicos ("bicicreta" por *bicicleta*, "mió" por *melhor*, etc.) e morfossintáticos ("a gente fumo" por *nós fomos*, "as laranja" por *as laranjas*, etc.). São essas, na verdade, as diferenças linguísticas que costumam entrar em conflito com a norma culta, tanto na fala quanto na escrita.

Variedades estilísticas

Os enunciados linguísticos podem também variar dependendo dos diferentes graus de formalidade determinados pelos contextos de uso da língua. O maior ou menor conhecimento e proximidade entre os falantes faz com que se usem variedades mais ou menos formais. **Variações de estilo** ou **registros linguísticos** são as denominações comumente dadas a esse tipo de variação.

A linguagem é usada de modo informal em situações familiares, conversas entre amigos. Nesses casos, diz-se que o falante está fazendo uso da **linguagem coloquial**.

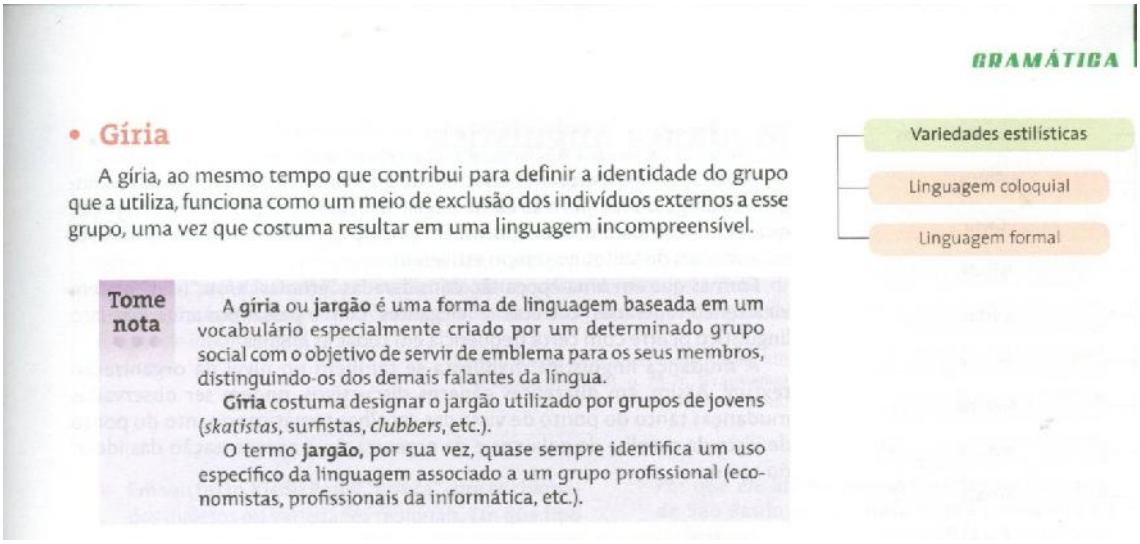
Nas situações formais de uso da linguagem (por exemplo, uma palestra em um congresso científico), o falante procura fazer uso de uma **linguagem** também mais **formal**.

212 Capítulo 12

Figura 03: “Livro Português: Contexto, interlocução e sentido (2010).” Pag. 212

No próximo tópico, o livro acredita ser relevante não apenas conceituar o termo variedades linguísticas, uma vez que também se preocupa em mostrar alguns exemplos de variedades presentes em nossa língua, já que não se pode mostrar todos os tipos, visto que são muitos. O livro tenta ao menos exibir algumas, para ilustrar a rica diversidade presente em nossa língua, como as variedades regionais e sociais, também

conhecidas como as variedades diatópicas e diastráticas, e as variedades estilísticas, onde é ressaltada a variante gíria e/ou jargão.



GRAMÁTICA

• **Gíria**

A gíria, ao mesmo tempo que contribui para definir a identidade do grupo que a utiliza, funciona como um meio de exclusão dos indivíduos externos a esse grupo, uma vez que costuma resultar em uma linguagem incompreensível.

Variedades estilísticas
- Linguagem coloquial
- Linguagem formal

Tome nota

A **gíria** ou **jargão** é uma forma de linguagem baseada em um vocabulário especialmente criado por um determinado grupo social com o objetivo de servir de emblema para os seus membros, distinguindo-os dos demais falantes da língua.

Gíria costuma designar o jargão utilizado por grupos de jovens (*skatistas*, surfistas, *clubbers*, etc.).

O termo **jargão**, por sua vez, quase sempre identifica um uso específico da linguagem associado a um grupo profissional (economistas, profissionais da informática, etc.).

Figura 04: “Livro Português: Contexto, interlocução e sentido (2010).” Pag. 213

E, por último, os autores do livro falam a respeito da mudança linguística, explicando aos alunos que conforme a sociedade se modifica, a língua também sofre mudanças. No final, é apresentado um texto que tem por título: “Língua brasileira”, o qual exibe as diferentes variedades linguísticas da nossa língua, além de mostrar algumas gírias e jargões que são utilizadas por alguns falantes, como por exemplo, os surfistas do Rio de Janeiro. O livro tenta fazer uma síntese de todo o conteúdo abordado no capítulo referente à variedade linguística existente na língua. Para isso, ele usa um recurso textual contextualizado para aproximar-se do aluno, na tentativa de fazê-lo entender que a variedade existe, está ao seu redor, presente em seu cotidiano, e que a mesma é um fenômeno natural da língua que representa a diversidade de seus usuários.

Atividades

» Leia, agora, o texto a seguir para responder às questões de 1 a 7.

Língua brasileira

[...] O Brasil tem dessas coisas, é um país maravilhoso, com o português como língua oficial, mas cheio de dialetos diferentes.

No Rio de Janeiro é *"e aí merrmão! CB, sangue bom!"* Até eu entender que merrmão era "meu irmão" levou um tempo. Para conseguir se comunicar, além de arranhar a garganta com o erre, você precisa aprender a chiar que nem chaleira velha: *"vai rolá umasch paradasch ischperrtasch"*.

Na cidade de São Paulo eles botam um "i" a mais na frente do "n": *"ôrra meu! Tô por deintro, mas não tô inteindeindo o que eu tô veindo"*. E no *interiorrr* falam um erre todo enrolado: *"a Ferrrnanda marrrcô a porrrteira"*. Dá um nó na língua. A vantagem é que a pronúncia deles no inglês é ótima.

Em *Mins*, quer dizer, em Minas, eles engolem letras e falam *Belzonte, Nossenhora, Doidemais da conta, sô!* Qualquer objeto é chamado de *trem*. Lembrei daquela história do mineirinho na plataforma da estação. Quando ouviu um apito, falou apontando as malas: *"Muié, pega os trem que o bicho tá vindo"*.

No Nordeste é tudo *meu rei, bichinho, ó xente*. Pai é *painho*, mãe é *mainha*, vó é *voinha*. E pra você conseguir falar com o acento típico da região, é só cantar a primeira sílaba de qualquer palavra numa nota mais aguda que as seguintes. As frases são sempre em escala descendente, ao contrário do sotaque gaúcho.

Figura 05: "Livro Português: Contexto, interlocução e sentido (2010)." Pag. 214

GRAMÁTICA

Mas o lugar mais interessante de todos é Florianópolis, um paraíso sobre a terra, abençoado por Nossa Senhora do Desterro. Os nativos tradicionais, conhecidos como Manezinhos da Ilha, têm o linguajar mais simpático da nossa língua brasileira. Chamam lagartixa de *crocodilinho de parede*. Helicóptero é *avião de rosca* (que deve ser lido *rôschca*). Carne moída é *boi ralado*. Se você quiser um pastel de carne precisa pedir um *envelope de boi ralado*. Telefone público, o popular *orelhão*, é conhecido como *poste de prosa* e a ficha de telefone é *pastilha de prosa*. Ovo eles chamam de *semente de galinha* e motel é *lugar de instantinho*. [...]

RAMIL, Kledir. *Tipo assim*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003. p. 75-76. (Fragmento).
© by Kledir Ramil.

Figura 06: "Livro Português: Contexto, interlocução e sentido (2010)." Pag. 215

Diante dos fatos acima mencionados, podemos concluir que o livro reconhece a importância das variedades, e isso se reflete na abordagem eficiente que o mesmo realiza a respeito da variedade linguística. Além de mostrar que não existe nenhuma norma menos importante, que todas são de total importância, desde que se efetue a comunicação entre os interlocutores.

Considerações Finais

Diante dos fatos acima mencionados, o livro analisado de Língua Portuguesa "Português: contexto, interlocução e sentido" das autoras Maria Luiza M. Abaurre,

Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, de fato trabalha com a variação linguística, ele apresenta uma unidade completa que tem como objetivo o ensino da gramática, e nessa unidade está sendo apresentado um capitulo falando sobre signo linguístico, língua, fala e variação linguística, o mais interessante é que justamente na unidade a qual o livro trabalha com a variedade linguística, o capitulo tem como principal abordagem a gramática, ou seja percebemos então a preocupação dos autores em quebrar com o tabu de que os alunos tinham sobre a gramática estruturalista.

Portanto, podemos observar a preocupação que o livro acima analisado tem em trabalhar com a variedade linguística na sala de aula, ele aborda fatos importantes, e dá ênfase a tal tema, mostrando aos alunos que todas as variedades são importantes e cada uma dela tem sua função, além de mostrar a adequação linguística dos falantes, e frisar aos alunos a questão do preconceito linguístico, pois é algo que jamais deve ser feito por eles, por terem conhecimentos da importância das variedades linguísticas.

Por isso é dever da escola em escolher livros que trabalham a variedade linguística, para que seus alunos tomem conhecimento sobre a sua importância, para não cometerem o chamado preconceito linguístico, e é dever também dos professores em trabalhar a unidade que aborda tal assunto, pois muitas vezes o livro aborda a variedade linguística e o professor por crer que é uma perda de tempo mostrar aos seus alunos as variedades, acabam não as trabalhando.

Com este trabalho pretendemos ajudar a alunos e professores sobre o que é variedade linguística, além de mostrar a importância das variedades, não só em sala de aula, mas também na vida social, além de alertá-los sobre o preconceito linguístico, pois é algo que jamais deve estar entre eles, pois sabemos que toda variedade tem sua importância, e que um bom falante é aquele que se adéqua a diferentes situações de fala. Pretendemos também publicá-lo em futuros eventos acadêmicos para ajudar e auxiliar professores e alunos com o determinado tema, variedade linguística.

Referencias

ABAURRE, M. L. M; ABAURRE, M. B. M; PONTARA, M. **Português**: contexto, interlocução e sentido, São Paulo: Moderna, 2010.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística-parte I. In: BENTES, A.C.; MUSSALIM, F. (orgs.) **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____.**Preconceito linguístico:** o que é, e como se faz. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística- parte II: In MUSSALIM, F; BENTES, A. C. **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-75.